

UM OLHAR PARA A FORMAÇÃO ESTÉTICA DE ESTUDANTES E PROFESSORES DE ARTES VISUAIS: EM FOCO A *PERFORMANCE ART* “CARTAS A UM ARMÁRIO” (2019)¹

José Inacio Sperber²
Carla Carvalho³

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa em andamento que discute a formação estética de professores e estudantes de uma licenciatura em Artes Visuais. São apresentados os movimentos de criação e apresentação de uma *performance art* que tensiona as relações políticas e micropolíticas entre a vida e a arte. Temos como questão problema: Quais temas constituem a *performance art* “Cartas a um armário” (2019) realizada por professores de arte e estudantes de uma licenciatura em Artes Visuais? A partir desta questão, elabora-se o seguinte objetivo geral: compreender os temas da *performance art* “Cartas a um armário” (2019) realizada por professores de arte e estudantes de uma licenciatura em Artes Visuais. Esta é uma investigação qualitativa e se caracteriza como uma PEBA – Pesquisa Educacional Baseada em Arte, pois usa de um percurso de criação em arte para discutir questões acerca da educação. O referencial teórico tem como base as discussões de Bakhtin e o Círculo acerca da perspectiva dialógica da linguagem. Os resultados iniciais evidenciam que a constituição identitária dos sujeitos reverbera nas cartas-relatos de experiências de vida que tensionam o lugar de violência de determinados sujeitos com recortes sociais específicos, como gênero e sexualidade, e a relação com o contexto em que vivem e as posições responsáveis que exercem.

Palavras-chave: Arte contemporânea, Formação Estética, Responsividade, *Performance Art*, Perspectiva Dialógica.

INTRODUÇÃO

Figura 1 – Registro da *Performance art* “Cartas a um Armário” (2019)

¹ Este artigo apresenta resultados parciais de uma pesquisa de Mestrado em Educação financiada com recursos da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

² Graduado em Artes Visuais e Mestrando em Educação (com Bolsa de Demanda Social CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Regional de Blumenau (FURB) - SC, jooseinacio@gmail.com;

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, Professora do Departamento de Artes e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau – FURB. Líder do Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação. Email: carcarvalho@furb.br



Fonte: SPERBER (2020)

Iniciamos a escrita deste artigo com um registro fotográfico da *Performance art* “Cartas a um Armário” (2019), objeto mobilizador desta investigação. Ao fundo, na fotografia, uma pessoa sentada ao chão segura uma carta enquanto a lê... No primeiro plano, uma panela de barro, objeto em que a carta seria depositada após a leitura, rasgada, e posteriormente, queimada, junto das cartas de outros *performers* que ali estavam. A descrição aqui realizada apresenta o “rito” ou o “roteiro aberto” da *performance art* que nos mobiliza a pensar a formação estética de estudantes e professores de Artes Visuais que participaram deste processo de criação.

Esta pesquisa está vinculada a Linha de Linguagens, Arte e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da FURB – Universidade Regional de Blumenau e ao Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação (GPAEE).

A partir das questões que nos mobilizam a investigar a *performance art* descrita no início deste artigo, elencamos como pergunta de pesquisa: “Quais temas constituem a *performance art* “Cartas a um armário” (2019) realizada por professores de arte e estudantes de uma licenciatura em Artes Visuais?”. A partir desta questão, temos por objetivo geral: compreender os temas da *performance art* “Cartas a um armário” (2019) por professores de arte e estudantes de uma licenciatura em Artes Visuais.

No que tange à apresentação das questões que permeiam a realização da *performance art* “Cartas a um Armário” (2019), é importante destacar que esta produção artística foi criada durante um componente curricular da licenciatura em Artes Visuais da FURB, que discutia questões acerca da arte contemporânea (CANTON, 2009). Após a apresentação da *performance art* no componente curricular, outras três apresentações foram realizadas. A cada nova apresentação outras pessoas se convidavam a participar da *performance*, nesse sentido o

número de *performers* foi se alterando a cada apresentação, na medida em que novas pessoas entravam e outras saíam. Estes movimentos podem ser vistos na Figura 2, que demonstra os espaços que a *performance* percorreu, o número de artistas e o período em que ocorreram.

Figura 2 – Apresentações da Performance art “Cartas a um Armário” (2019)



Fonte: SPERBER, 2020.

As cartas escritas e lidas pelos performers durante a apresentação traziam em seu conteúdo vivências e experiências da vida de cada sujeito, que haviam sido provocados a escrever memórias e lembranças que marcavam seus corpos a partir das suas constituições identitárias (mulher, negro(a), LGBT, pessoa com deficiência, saúde mental etc.). Essa proposta de criação artística nos evidencia uma das tendências da produção artística contemporânea, que discute as tensões nas esferas políticas e micropolíticas da vida. Sobre essa tendência Canton (2009) afirma que:

Artistas e pensadores substituem a noção de Política, com "P" maiúsculo mesmo, pelas Micropolíticas – a saber, uma atitude focada em questões mais específicas e cotidianas, como gênero, a fome, a impunidade, o direito à educação e à moradia, a ecologia, enfim, tudo aquilo que nos diz respeito a nos faz viver em sociedade. (CANTON, 2009, p. 1, grifos da autora).

Ao encontro do que escreve a autora, pensando nas questões que tensionam as relações entre arte e vida, acreditamos ser importante justificar que a escolha da linguagem da *Performance art* para apresentação das experiências que constituem os sujeitos da *performance* se dá também porque esta linguagem “[...] acaba tocando nos tênues limites que separam vida e a arte (COHEN, 2002, p. 38).

METODOLOGIA

As escolhas metodológicas que fazemos para esta investigação nos levam a compreender que é uma pesquisa qualitativa, que tem como uma de suas características o fato de que os investigadores “[...] que fazem uso deste tipo de abordagem [qualitativa] estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentidos às suas vidas” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 50), o que vai também ao encontro do que tecemos em nossa escrita do capítulo anterior deste artigo acerca das relações entre a arte e a vida.

Em outras palavras, os autores nos levam a inferir que à pesquisa qualitativa interessa, de forma especial, conhecer como os sujeitos da pesquisa, seja em qual for o método de geração de dados, compreendem e interpretam o mundo. É esse movimento de olhar para a subjetividade destes participantes, mas não de forma apartada do contexto histórico, social e cultural, que faz da pesquisa qualitativa uma possibilidade essencial de compreender fenômenos sociais que apenas números ou estatísticas não poderiam apresentar em uma investigação.

Destacamos ainda o uso de um percurso de criação em arte para discutir questões acerca da educação caracteriza esta pesquisa como uma PEBA – Pesquisa Educacional Baseada em Arte, como nos apresentam CARVALHO; IMMIAOVSKY (2017):

[...] a centralidade dessas perspectivas metodológicas está na utilização de procedimentos e/ou produtos artísticos no processo investigativo ou no registro deste, com objetivo de, por meio das artes, expandir a percepção sobre eventos educacionais e permitir novos entendimentos sobre o que pode contribuir em melhorias nas políticas educacionais e práticas educativas (CARVALHO; IMMIAOVSKY, 2017, p. 221).

Sobre a PEBA, reafirmamos alguns aspectos que nos fazem compreender que esta pesquisa se relaciona com esta proposta de pesquisa: 1) o objeto de pesquisa sendo uma *performance art*; 2) a coleta de dados, que acontece, de forma inicial, com a recolha das cartas utilizadas na *performance* para análise; 3) os objetivos de, por meio desta experiência artística, pensar questões acerca da formação estética de professores, ou seja, questões sobre a educação.

Em relação aos dados, de forma mais específica, temos como movimentos: 1) as cartas da *performance* (coletadas em 2019 pelos pesquisadores) e a realização de um grupo de interlocução (FERREIRA, L. S. *et al.*) para aprofundamento das questões que constituem os sentidos produzidos pelos sujeitos no percurso de realização da *performance art* (este segundo movimento ainda será realizado).

De modo geral, Ferreira *et al* (2014p. 192) nos apresenta o Grupo de Interlocução como “[...] um momento de interação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, a fim de socializar os resultados do estudo e discutir sobre esses dados e sobre questões que ainda necessitam ser ampliadas”. O uso deste formato de geração de dados nesta pesquisa se justifica pela percepção dos pesquisadores de ampliar as discussões acerca dos sentidos que cada sujeito de pesquisa construiu na relação com a *performance art* aqui estudada, questão esta que não pode ser pensada somente a partir das cartas coletadas na *performance*. É nesse sentido que compreendemos que o Grupo de Interlocução, para além de um momento de apresentação de dados da pesquisa ou apenas de geração de novos dados “[...] é um momento de problematização conjunta acerca da pesquisa” (FERREIRA *et al*, 2014).

Em relação a análise de dados, nos embasamos na Análise Dialógica do Discurso, proposta por Mikhail Bakhtin (1895-1975) e o Círculo. Como os dados desta pesquisa se materializam a partir de cartas (textos verbais) e imagens (textos visuais), recorreremos a análise verbo-visual, amplamente discutida por Brait (2009, 2013) para tecer relações entre a visualidade e a escrita, buscando compreender enunciados que se formam a partir destas relações entre a materialidade e os discursos dos sujeitos de pesquisa.

Brait nos explica que a análise verbo-visual pode ser pensada a partir de duas concepções. A primeira diz respeito a um estudo mais focado na visualidade (na compreensão da imagem enquanto texto que circula na cultura e permeia as relações sociais) e mais direcionado a objetos artísticos. A outra proposta de análise se dá na busca de explicar as relações do visual e do verbal

[...] casados, articulados num único enunciado, o que pode acontecer na arte ou fora dela, e que tem gradações, pendendo mais para o verbal ou mais para o visual, mas organizados num único plano de expressão, numa combinatória de materialidades, numa expressão material estruturada (BRAIT, 2013, p. 50).

Utilizaremos para esta pesquisa uma proposta de análise seguindo a segunda concepção apresentada pela autora, para problematizar e buscar tecer relações entre a visualidade e o texto verbal, das cartas que fazem parte da *performance*.

DISCUSSÕES A PARTIR DA TEORIA

A base epistemológica desta pesquisa sustentada pela produção teórica na perspectiva histórico-cultural, de forma mais específica, representada na obra de Bakhtin e o Círculo,

compreende o sujeito como situado num determinado tempo histórico, marcado pela ideologia e pelas questões sociais e culturais que constituem este tempo (VOLOCHINOV, 2018).

Para iniciar este diálogo, nos propomos a apresentar aqui alguns aspectos da perspectiva de Bakhtin e o Círculo acerca da arte e da estética, lugar que nos mobiliza a pensar a linguagem e as relações com a educação.

Ao falar sobre olhar de Bakhtin para a Estética, Faraco (2011) registra que o autor compreende e olha para a atividade estética a partir da compreensão de que os sujeitos são situados histórico e socialmente em um determinado contexto, e salienta que esta compreensão é de extrema importância para entender de onde fala Bakhtin:

É fascinante, por exemplo, entre muitas outras coisas, o modo como Bakhtin torna o social, o histórico, o cultural elementos imanes do objeto estético. Nesse sentido, Bakhtin se afasta de uma tradição que assume o pressuposto da necessidade de se separar o estudo imanente da arte do estudo de sua história e de sua inserção social e cultural (FARACO, 2011, p. 21).

Em seus escritos sobre arte e estética, Bakhtin tem como principal objeto de investigação a literatura. Porém, outros autores já utilizaram de sua teoria e filosofia da linguagem para discutir outras linguagens da arte, como o teatro, a música, as artes visuais. Nesse contexto de produção científica acerca da arte e da educação, nos propomos a investigar uma *performance art* e os desdobramentos deste movimento de criação em arte num percurso de formação docente a partir de Bakhtin.

Comprendemos a *performance art* aqui como pertencente ao que Brait e Gonçalves (2021) discutem como Artes do Corpo. Para os autores, esta conceituação abrange

[...] investigações, experimentos e práticas, cujo foco abriga os campos de estudos em teatro, dança, performance, circo, dramaturgia e história, produção e tecnologias, ultrapassando os limites do campo da cena para estudar, por meio de diferentes correntes teórico-práticas e contextos de pesquisa, as potencialidades do corpo em processos experimentais, sejam eles artísticos in situ ou constituídos de elementos abarcados pelo universo das artes (BRAIT; GONÇALVES, 2021, p. 18).

A partir desta concepção, entendemos que a *performance art* é uma linguagem que nos permite fazer aproximações para pensar os encontros e desencontros entre a vida e arte e assim tecer relações com o campo da Educação, área que nos interessa para problematizar percursos de formação estética e artística com os licenciandos numa perspectiva que considere a linguagem como instrumento que medeia as nossas relações em sociedade.



Para tensionar este diálogo (entre linguagem, arte e educação), é importante destacar que:

A concepção bakhtiniana do estético não se baseia no sublime de Kant, nem nas estéticas impressionistas ou expressionistas, mas resulta de um processo que busca representar o mundo do ponto de vista da ação exotópica do autor, que está fundada no social e no histórico, nas relações sociais de que participa o autor (SOBRAL, 2020, p. 108).

A partir de Sobral (2020), o olhar de Bakhtin para a estética considera não uma forma transcendental ou do sujeito por ele mesmo de compreender o mundo, mas a partir de uma visão histórica que é encharcada pelo que vive o autor em seu contexto social e por meio de suas relações com os outros, que o constituem e habitam esse tempo histórico.

Nesse sentido, o movimento de vista exotópica é descrito por Amorim da seguinte forma:

A criação estética expressa a diferença e a tensão entre dois olhares, entre dois pontos de vista. Se tomarmos o exemplo do retrato, em pintura, falamos do olhar do retratado e do olhar do retratista ou artista. O trabalho deste último consiste em dois movimentos (AMORIM, 2018, p. 96).

O primeiro movimento do qual fala a autora seria o de "[...] tentar captar o olhar do outro, de tentar entender o que o outro olha, como o outro vê". E o segundo consiste em "[...] retornar ao seu lugar, que é necessariamente exterior à vivência do retratado, para sintetizar ou totalizar o que vê, de acordo com seus valores, sua perspectiva, sua problemática" (AMORIM, 2018, p. 96). Sobre esse olhar exotópico, exterior a este outro que é observado, Bakhtin afirma que a "[...] imagem externa pode ser vivenciada como uma imagem que conclui e esgota o outro, mas eu não a vivencio como algo que me esgota e me conclui" (BAKHTIN, 2011, p. 37).

Nesse movimento de olhar para o outro e colocar-se no lugar de visão deste sujeito, o autor cria a partir de uma relação de alteridade, onde o olhar do outro constitui o seu olhar, num movimento de relação dialógica. E a partir do que elaboro na relação com este outro, formo a minha visão sobre a realidade. Nesta perspectiva, de apresentar as relações que se estabelecem na *performance* a partir das cartas escritas pelos sujeitos, apresentamos abaixo alguns fragmentos das cartas:

“Muito cedo aprendi que meu corpo tinha formas, mesmo antes de ter formas de moça mulher” (Fragmento da carta do Performer 2).

*“Implorava para não conhecer o sexo (órgãos) masculino”
(Fragmento da carta do Performer 1).*

“O rapazinho que vive em mim põe todos os dias os pezinhos para fora de casa, mas permanece na varanda” (Fragmento da carta do Performer 6).

Figura 3 – Mapeamento das Temáticas que aparecem nas cartas da *Performance art* “Cartas a um Armário” (2019)



Fonte: SPERBER (2020)

Nosso objetivo neste artigo é apresentar as questões sociais que constituem as identidades destes sujeitos e que aparecem nestas cartas em diferentes formas de linguagem: relatos diretos e indiretos sobre os fatos guardados na memória, poesias e em outros formatos de textos mais poéticos.

É a partir dessa perspectiva que tensionamos o movimento da *performance art* aqui estudada como um movimento dialógico (base do pensamento de Bakhtin e o Círculo) para pensar esse percurso de criação como um ato responsivo, nesse sentido, compreendemos aqui que a “[...] dialogia é fundante do nosso ser no mundo e o ato responsivo é entendido como a minha responsabilidade em relação ao outro, a minha não indiferença mutuamente constitutiva” (CORSINO, 2015, p. 401).

Suas escritas são solitárias, mas prenes do outro. Do outro, que no encontro com o que vive, se reconhece sujeito em situação de abuso, de violência, de outras formas de viver ou de sofrer. A condição radical da presença do outro, na fala desses sujeitos, é presente e constante, o outro que está no contexto vivido, ou outro que acolhe na *performance*, o outro que ouve, o outro que o faz perceber-se quem é.



Compreendemos que as escolhas que estes *performers* fazem, de trazer às suas escritas relatos tão íntimos e pessoais, nos evidenciam um movimento de responsividade que se manifesta por meio da escrita, e que nesse processo nos apresenta uma escolha ideológica e política (de ação) sobre o conteúdo e a forma ao qual se enuncia nas cartas. De forma poética ou não, estes sujeitos se colocam em *performance* e dialogam com o público se despindo e se expondo, na busca, direta ou indireta, de encontrar no outro (público) uma resposta ou uma reação ao que se enuncia: um encontro de vozes, experiências e sentidos que produzem neste percurso.

Outro aspecto que destacamos no processo, que aqui sinalizamos como movimento que é com o outro, num movimento de reconhecer-se e identificar-se, foi o movimento da quantidade de pessoas que se convidaram a participar da *performance*. A cada encontro, ou a cada nova *performance*, outros *performers* se convidavam à partilha. A organicidade do percurso demonstrou que alguns tinham a falar, outros se identificaram, outros vinham e iam... e assim, partilharam suas histórias. O ato responsivo de comprometer-se e participar, de enunciar, foi observado no contexto de produção na aula como acontecimento e para além dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciamos que as cartas nos apresentam sujeitos com existências singulares, com uma presença única diante do mundo, e ao mesmo tempo, um coletivo que é marcado por recortes identitários que nos apresentam aproximações entre as vivências apresentadas por estes sujeitos em suas cartas: como a homofobia e a transfobia, violências que marcam a existência de corpos LGBT; o machismo e a misoginia, evidenciados pelo recorte do gênero feminino presente no coletivo e atos de violência como o abuso sexual.

Ainda, os contextos evidenciados nas cartas nos mostram que a convivência familiar, os espaços religiosos e a sociedade, de modo geral, são ainda espaços que reproduzem estas violências e causam tensões e inseguranças para a existência destes sujeitos.

A arte, ao ser colocada em relação com o outro, ou com os outros que interagem com esta manifestação estética, possibilita um movimento dialógico que, apesar de suas particularidades nas esferas de produção, recepção e circulação, é comum ao percurso de encontro com a arte. Estar em interação com a arte, seja ela visual, cênica, musical ou híbrida, é estar em contato com o posicionamento axiológico do artista que a produz e, na relação com a construção sócio-cultural e histórica de quem observa, é também um movimento de alteridade, de encontro com o outro e com diversos enunciados discursivos que refatam a vida.



Nós, enquanto artistas/ *performers* tivemos a oportunidade de, por meio desta escrita, executar um movimento de vista exotópico diante da *performance* que criamos: lembrando nossas memórias e lembranças, fotografias e de alguma forma, tentando revisitar as experiências que ora nos moveram também a criar essa produção artística. Este também é um percurso de encontro com a arte um movimento de formação artística e estética de quem se dispõe a vivencia-lo, por isso também um processo de educação e arte.

Ao criar a *performance*, enquanto autores deste processo, não imaginávamos as dimensões da relação com o público que esta criação teria. No entanto, nesse movimento de se perceber nesse processo de alteridade nos fez construir um percurso de deslocamento da universidade para outros espaços. Assim percebemos a possibilidade de levar as experiências que construímos em sala de aula para a comunidade e elaborar outras vivências de extensão e o contato com a sociedade a partir de percursos pedagógicos e de ensino de arte que são vivenciados na universidade.

O próximo passo desta investigação é aprofundar como as marcas destas vivências, na relação com o movimento de criação com arte, por meio da *performance art*, marcam nos sujeitos os sentidos que atribuem a este percurso em suas vidas, na formação crítica, estética, política e pessoal de cada um(a).

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. Cap. 5. p. 95-114.

VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução, notas e glosário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkona Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011, págs. 261-306.

BRAIT, B.; GONÇALVES, J. C. Corpos espelhados nas dobras da arte e da vida: a desumanização. In: BRAIT, Beth; GONÇALVES, Jean Carlos (org.). **Bakhtin e as artes do corpo**. São Paulo: Hucitec, 2021. Cap. 1. p. 15-56.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013.

CANTON, K. **Da política às micropolíticas**. Temas da Arte Contemporânea. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009a. 69 p, il.



CARVALHO, Carla; IMMIAOVSKY, Charles. PEBA: a arte e a pesquisa em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, ano 17, v. 25, n. 3, p. 221-236, 2017.

CORSINO, Patrícia. Entre Ciência, Arte e Vida: a didática como ato responsivo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 399-419, jun. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/%20educacaoerealidade/article/view/46089>. Acesso em: 06 jun. 2022.

FARACO, C. A. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. **Letras de Hoje**, v. 46, n. 1, p. 21-26, 20 jul. 2011.

FERREIRA, L. S. *et al.* Grupos de interlocução como técnica de produção e sistematização na pesquisa em educação. **Revista Diálogo Educacional**, [S.L.], v. 14, n. 41, p. 191-209, 12 jul. 2014. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR. <http://dx.doi.org/10.7213/diálogo.educ.14.041.ds09>. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/2329>. Acesso em: 05 abr. 2022.

SOBRAL, A. Ético e Estético: na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2020. Cap. 6. p. 103-122.

SPERBER, J. I. **Cartas a um armário**: cartografias de relações entre a micropolítica e a arte contemporânea. 2020. [97] f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) - Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2020. Disponível em: http://www.bc.furb.br/docs/MO/2020/368346_1_1.pdf. Acesso em: 1 dez. 2022.